

Do ponto de vista urbanístico, Porto Alegre se inicia dentro da matriz colonial brasileira, nos fins do século XVIII. São ruas estreitas, ladeadas predominantemente de habitações, sobrados ou casas térreas. Nesse contexto, destacam-se as praças, com a Igreja e a Casa de Câmara, além de outros equipamentos, como o Mercado, a Casa de Misericórdia e pequeno comércio no térreo dos sobrados. Por todo o século XIX, a cidade vai preenchendo seus vazios, vai se alargando em direção ao Guaíba, através de aterros, e se estendendo ao longo dos caminhos que chegam ao centro, na forma de radiais, com a mesma morfologia. A partir da Proclamação da República, Porto Alegre, assim como outras cidades brasileiras, torna-se laboratório de experiências urbanísticas, pois vai se transformar, não apenas dessa forma de crescimento, mas passa agora a obedecer aos cânones vinculados ao urbanismo moderno, oriundos da Europa e Estados Unidos. Discutir como avaliar essas ressonâncias que deixaram marcas profundas nas cidades é o objetivo desse trabalho, buscando muito mais uma metodologia que permita explicar a transformação dentro de seu contexto, do que propriamente avaliar uma evolução urbana. Através de Porto Alegre, poderemos testar o método.